

Há um “Materialismo Vygotskyano?” Preocupações ontológicas e epistemológicas para uma psicologia marxista contemporânea (Parte II)¹²

Gisele Toassa³

Neste trabalho, dividido em dois artigos, defendo que Vygotsky criou seu próprio materialismo psicológico marxista, mais do que meramente aplicou o materialismo dialético à psicologia. Uma implicação daí decorrente é a de se evitar o ecletismo de misturar a perspectiva dele com a de outros materialistas (dialéticos ou não). Assim, ambos os artigos realçam as similaridades e diferenças entre o trabalho vygotskiano e o de autores como Engels, Plekhanov, Lenin, Spinoza e outros. Após ter exposto, na primeira parte, o pano-de-fundo científico e filosófico em que Vygotsky elaborou preocupações filosóficas em suas obras iniciais, esta segunda parte foca os capítulos 8 a 15 do “Significado Histórico da Crise na Psicologia” (1927). Ali, a dialética da psicologia científica é explicada como um processo monista, histórico-natural, em que o autor considera a consciência (experiência imediata) como objeto “objetivo” para sua ciência. Sua interpretação original, conquanto ambivalente, da argumentação de Lênin sobre a objetividade é fundamental para esta afirmação. Sublinho ainda a argumentação de Vygotsky sobre as diferenças entre a subjetividade (o assim chamado “problema epistemológico”) e a psique/consciência (considerado como “tema ontológico”). Por fim, sustento que, para Vygotsky, a consciência não é reflexo/cópia da realidade ou aparato de transmissão passiva, mas sim objeto dotado de sua própria existência, como relação entre outros dois processos objetivos.

Palavras-Chave: *Vygotsky, Materialismo, Psicologia e Marxismo, Epistemologia da Psicologia, Psicologia Crítica, Consciência*

Vygotsky e o materialismo psicológico no SHCP

Comparando a edição do SHCP (publicado pela primeira vez em 1982 e apenas reeditado posteriormente) com o manuscrito alocado nos Arquivos da Família de Vygotsky, Zavershneva (2012) encontrou, desafortunadamente, tantos problemas, que estamos inclinados a considerar qualquer análise das referências providas por Vygotsky como provisórias até a publicação de uma nova edição. Ela afirma que “até um leitor casual vai facilmente detectar absurdos óbvios que não podiam estar no original: referências a trabalhos de Karl Marx, Vladimir Lenin, Ivan Pavlov, e outros autores que não haviam sido publicados até a segunda metade do século XX” (p.43), tanto quanto outros erros descuidados (troca de palavras, remoção de aspas, paragrafação diferente). Vygotsky nunca preparou o trabalho para publicação, e, como B.G. Meshcheryakov (*apud* Zavershneva, 2012) observa, foi composto no estilo das notas pessoais. O manuscrito da crise na psicologia pode ser considerado como escrito “semi-privado” (Joravsky, 1989, p.265; Yasnitsky, 2009, p.25), o que libertou o livro de rígido controle ideológico.

¹ Tradução resumida do artigo “Is there a “Vygotskian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology” (Part II), publicado neste mesmo número do PsyAnima. A própria autora realizou essa tradução resumida, deixando de lado, no português, as notas de rodapé da versão em inglês.

² Текст статьи публикуется в авторской редакции.

³ Professora de História e Teoria da Psicologia, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás.
E-mail: gtoassa@gmail.com.

Zavershneva (2012) percebeu um número de correções feitas com caneta esferográfica, certamente não realizadas por Vygotsky, as quais rasuraram os nomes de Leon Trotsky, Nikolai Bukharin e Karl Radek. Outras referências (a Dumas, Lalande e Lewin) apresentavam-se incuradas ou suprimidas. Ao menos uma referência a A. Deborin, que foi pupilo de Plekhanov e o apoiador mais influente de Espinosa dentro de uma visão-de-mundo (*mirovozzvorenie*) marxista, foi removida pelos editores das Obras Escolhidas em russo.

Parafraseando o “Tratado da Correção do Intelecto” (Espinosa, 2002), Vygotsky argumenta que a psicologia está doente e precisa de urgente medicação. Minha interpretação é de que, segundo o autor, tal medicação deveria ser produzida pelo próprio corpo, por meio de uma evolução da dialética da psicologia como mudança imanente da teoria [científica] geral baseada em descobertas empíricas, lidas a partir de certos quadros teóricos. A posição do autor estava longe de ser incomum nos anos 1920s. Um dos debates mais acalorados entre filósofos dialéticos e mecanicistas questionava se o materialismo dialético deveria seguir as ciências naturais, evoluir com seus achados ou guiá-los. O campo mais problemático era a Física, em particular a noção de matéria, que atravessara mudanças significativas desde a Mecânica Newtoniana – sendo uma das fontes para o materialismo de Marx e Engels.

Portanto, a tarefa histórica de criar uma nova psicologia foi paradoxal para Vygotsky: ele teve de começar com análise interna desta ciência empírica já em progresso, sendo interpretada pelas autoridades do Partido como ciência natural, próxima da fisiologia. Ao mesmo tempo, nosso autor persistiu em desenvolver seu projeto no materialismo dialético (que atravessava uma **situação problemática**, misturando disputas políticas e filosóficas, ver Kremmentsov, 1997;2006; Todes & Kremmentsov, 2010), que ainda não tomara a psicologia sistematicamente como um objeto, em seus complexos desafios ontológicos e epistemológicos. Assim, ele trabalha duramente por uma nova ciência materialista, com a adoção de uma perspectiva realista, objetiva: materialista em gnoseologia (assumindo-se a identidade entre *gnoseologia* e *epistemologia* – *gnoseologicheskoi i ontologicheskoi problem*, ver Vygotsky, 1982) e dialética em lógica.

A interpretação vygotkiana da dialética como é crucial, ainda que seja de difícil apreensão, mesmo para estudiosos da psicologia soviética. Depois de retratar problemas básicos de pesquisa, o SHCP (Vygotski, 1991a, p.290) assume que a psicologia geral é a dialética da psicologia – ao mesmo tempo, a dialética da natureza e do homem como sujeito da psicologia. A dialética materialista é compreendida como uma análise geral do desenvolvimento de verdades parciais; como lógica concreta e imanente de uma ciência verdadeira, que não deveria receber outro nome – lógica dialética e história materialista são reunidas em uma ciência mais geral, uma teoria científica geral, uma “segunda camada” na perspectiva de Yasnitsky sobre a relação entre conhecimento científico e prática social (ver Yasnitsky, 2009; Toassa, 2015).

Como Veresov (1999, p.183) nota, para Vygotsky, nenhum sistema filosófico, Marxismo incluído, poderia gerar prontamente uma metodologia para a psicologia. Pacientemente, começa pela análise do desenvolvimento de ideias dentro da psicologia como um primeiro passo para o entendimento de verdades parciais, essenciais para a evolução do trabalho crítico. Portanto, a despeito da influência de Engels, é justo afirmar que as três leis básicas da dialética não estão no centro do SHCP como o “esquema-curinga” que prevaleceu após a Grande Quebra staliniana (período entre 1929-1932). De fato, Vygotsky nem mesmo menciona essas leis enquanto tais. Em sua plenitude, não tão clara em seus trabalhos anteriores, compreende a dialética como, ela própria, a reprodução de um movimento na realidade, aquele do desenvolvimento científico na psicologia.

Portanto, no capítulo 9, Vygotsky estabelece duas teses, grosso modo: 1. Qualquer conceito científico-natural – até mesmo um matemático – compreende um grão de verdade concreta; 2. Qualquer fato científico-natural, ainda que empírico e imaturo, contém uma

abstração, ou seja, qualquer palavra já é uma teoria. Suas antigas noções holísticas e naturalistas encontram expressão na ideia de Potiebnyá, também repetida sete anos depois no “Pensamento e Linguagem” (Vygotski, 2001): como o Sol em uma gota d’água, a palavra reflete processos e fenômenos da via social. No SHCP, observa que “a palavra, como o Sol em uma gota d’água, reflete plenamente os processos e tendências no desenvolvimento da ciência (Vygotsky, 1987, Chapter 9).

A Parte 4 do SHCP menciona Engels e a noção dele de que, como para a lógica dialética, a metodologia da ciência é *reflexo* (отражение – *otrajenie* – no sentido marxista de *reprodução* social, não sendo uma cópia literal, em carbono, da realidade) da metodologia da realidade: também é desenvolvida em luta, crises e contradições. Neste ponto, pode-se também traçar um paralelo com a ideia espinosista que a ordem e conexão das ideias e das coisas é a mesma (ver Spinoza, 2008, p.87; similarmente em Vygotski, 1991b, p.87). Diferenças de linguagem entre Engels, Lenin, Plekhanov e Espinosa, quatro fontes vigotskianas para a resolução do problema da consciência, podem explicar algumas nuances no sentido da palavra “reflexo” no SHCP. Enquanto, no ponto supramencionado, Vygotsky fala sobre *reflexo* em um contexto positivo, ele critica, posteriormente, a noção de que a consciência seja *reflexo* (como mostro, mais adiante, neste artigo).

É justo afirmar que muitos autores monistas/materialistas são fonte das noções vigotskianas acerca da unidade (teórica e metodológica) entre a ideia [pensamento] e matéria. Um deles é Plekhanov, para quem os pensamentos *correspondem* às coisas-em si ao invés de *refleti-las* (como afirmou Lênin, ver Joravsky, 1961, p.13 e Lenin, 1982). Tal ideia, primeiramente apresentada no raciocínio sobre a dialética materialista do homem como objeto da psicologia, retorna na Parte 9, quando, comentando Höffding, Vygotsky critica o hábito de apartar radicalmente espiritual e material como duas séries de desenvolvimento em separado (1991a, p.336). Para Vygotsky, Espinosa estava longe de fazê-lo: ele não era um pensador paralelista.

Sete anos depois, Vygotsky (1999) defende o materialismo de Espinosa contra uma psicologia da “consciência pura”. O bielorrusso sustenta as contribuições espinosistas para superar o dualismo na pesquisa sobre as atividades mentais superiores, partindo de relações corpo-mente, um tema crucial para uma futura teoria das emoções. Uma vez que a perspectiva de Vygotsky sobre Espinosa foi bastante similar à de Deborin (Toassa, 2014), é indispensável assumir que este filósofo foi uma fonte para as ideias materialistas do bielorrusso.

tanto deborinistas quanto marxistas ortodoxos têm insistido que a linha de demarcação subsiste na solução do problema ontológico – a relação da matéria com a consciência. O materialismo, eles apontam, faz da matéria o primário e básico, enquanto que o idealismo prioriza a mente e a consciência. E, por esse teste, Espinosa foi um materialista (Kline, 1952, p.26, trad. nossa).

Do SHCP em diante, a resposta de Vygotsky para a clássica questão epistemológica, “A psicologia é uma ciência humana ou natural?”, seria propor um novo desafio, o de dissolver a cisão entre ciências humanas e naturais como fizera a tradição ocidental das “duas culturas” (das ciências humanas X naturais, ver Goertzen, 2008). Como explicarei mais adiante, no SHCP, tudo o que existe é natural e está apto a ser objeto das ciências naturais – apenas a matemática deveria fluir em abstrações.

É interessante notar o comentário (Vygotsky, 1991a, p.387) sobre como Marx pesquisou o desenvolvimento das formações econômicas a título de processo histórico-natural: ideia também clara no quarto capítulo do SHCP, com a percepção do autor sobre a interpretação da ciência como resultado do trabalho. Em uma afirmação Plekhanovista: “Precisamente porque as propriedades naturais dos fenômenos mentais em um certo nível de conhecimento são categorias puramente históricas [...] elas podem ser consideradas como

causa ou uma das causas do desenvolvimento histórico da ciência” (Vygotsky, 1987, Capítulo 4). Ao fim e ao cabo, a ciência é um tipo de trabalho, uma confrontação material que deveria ser analisada como dialética da psicologia, parte de uma sociedade em mudança – um aspecto que alinha Vygotsky à tradição das psicologias críticas, que desenvolvem contínua reflexão sobre sua natureza social (ver Teo, 2009; 2006).

Portanto, “materialismo” e “dialética” são conceitos embebidos em um quadro teórico mais completo do que aquele inicialmente apresentado na “Psicologia Educacional” ou “Psicologia da Arte” (ver Toassa, 2015). No SHCP, se o foco deste materialismo é uma análise da atividade científica como um tipo de movimento, a dialética materialista do objeto da psicologia (Reações? Consciência? Mente?) deveria ser percebida como um processo de desenvolvimento da própria psicologia. Pode-se dizer que o materialismo dialético era uma visão-de-mundo adequada para entendê-la, intervir nas relações sociais, não como uma série de prescrições normativas. Em um comentário corajoso, Vygotsky afirma, quando se deparando com os clássicos do marxismo, “o pensamento é restringido por um princípio de autoridade; não se estudam métodos, mas dogmas” (1991a, p.367, trad. nossa).

Uma razão teórica para as contínuas mudanças de Vygotsky acerca do objeto da psicologia deve-se à necessidade de se resolver tarefas filosóficas básicas para a psicologia, particularmente, na luta contra seu dualismo. Ao investigar trabalhos não publicados escritos por Vygotsky em 1926-1927 nos arquivos da família do autor, Zavershneva nota *personalidade* como o objeto da psicologia.

Como a investigação do caderno de notas revelou, Vygotsky foi guiado inicialmente por um contexto teórico mais amplo e estava planejando voltar-se ao estudo da consciência. Em 1927, estes planos ajustaram-se em benefício do estudo das funções psíquicas superiores (FPS). A nota “Para uma definição do objeto da psicologia” reflete um estágio intermediário na direção da ideia de desenvolvimento cultural da mente e a formação das FPS, sendo valiosa ao conter referências diretas ao SHCP (Zavershneva, 2012, p.48).

A nota “Para uma Definição do Objeto da Psicologia” mostra um estágio intermediário, em crítica a dois prévios candidatos a objetos da psicologia: funções mentais e personalidade, dispondo a ideia de uma “vida altamente organizada” no centro da psicologia. Para Zavershneva, era mais um passo atrás (digamos, para a antiga abordagem relacionada às reações vitais), que um à frente, no sentido da perspectiva histórico-cultural.

Em minha leitura, entre 1927 e 1934, pode-se identificar o centro da busca de Vigotski por um objeto psicológico como matéria altamente organizada, especificamente humana, levando à emergência da teoria histórico-cultural. Em um artigo de 1930, “A transformação socialista do homem”, ele discute a desfiguração do desenvolvimento psicológico humano em termos de uma *personalidade* constituída em uma *pessoa*, em que

Na busca de um trabalho barato e com a simplificação extrema das funções atomizadas que os trabalhadores têm que realizar, viabiliza-se o recrutamento de crianças em larga escala e isso resulta em um desenvolvimento retardado, ou totalmente unilateral e distorcido ocorrendo na idade mais impressionável, quando a personalidade da pessoa está se formando (Vygotsky, 1994, trad. nossa).

Em minha recordação, muitos dos objetos potenciais identificados por Zavershneva nesses manuscritos são apresentados em trabalhos histórico-culturais (“personalidade”, “funções mentais superiores”, “consciência”) e também “pessoa” (*tcheloviek*) recebe conjecturas em forma de rascunho, em 1929 (Vigotski, 2000) e anos posteriores.

Joravsky (1989) relata que, tanto no período pré-revolucionário quanto no soviético, “aproximadamente todos os psicólogos da Rússia assumiam que sua área deveria analisar a

consciência, embora discordassem do modo apropriado de fazer isso” (p.259). Veresov (1999) assume que a consciência é o objeto da psicologia no SHCP. Entretanto, tal palavra insere-se em uma rede complexa de preocupações epistemológicas – Vygotsky desenvolveu sua própria perspectiva sobre a relação entre consciência e matéria em uma visão-de-mundo marxista. Sua reflexão sobre a consciência e sua participação na realidade segundo uma ontologia e epistemologia materialistas são, segundo minha leitura, o auge do SHCP (Capítulos 8 a 15). Vygotsky usa de forma intercambiável os termos *experiência imediata*, *consciência* e *mente*, discutindo metáforas então utilizadas para sua definição. A consciência é cópia da realidade; um instrumento de seleção; um rádio que veicula e recebe uma ampla faixa de radiação eletromagnética? O que é verdadeiro conhecimento? O que é consciência compartilhada/individual? Como a consciência pode conhecer a si ou outra consciência, ou às coisas? Questões ontológicas e epistemológicas são vinculadas por Vygotsky, sem prévio aviso aos leitores – em modo não-linear, como percebe Hyman (2012, p.474).

A ideia de “reflexividade” da consciência imediata

A crise da psicologia científica demandava uma avaliação materialista da experiência imediata e seu valor para o conhecimento. Vygotsky está longe de se isolar no debate internacional, e para a velha psicologia fisiológica de Wundt (Araujo, 2006), a experiência imediata (*neposredsvennogo opita* em Vygotsky, 1982) – acessada pela percepção interna (introspecção) – fora o objeto da psicologia fisiológica, experimental.

Assim, a Parte 8 do SHCP (especialmente nas páginas 314-315 na edição espanhola) desenvolve uma análise extensiva de por que procedimentos técnicos de investigação deveriam ser diferenciados dos métodos de conhecimento.

Vygotsky (1991a, p.314) menciona a ironia de Engels com relação a qualquer pessoa que se torturasse com respeito à impossibilidade de compartilhar a percepção química das formigas, embora as pessoas conhecessem melhor do que as himenópteras a natureza desses raios que fossem incapazes de experimentar.

A ironia de Engels sustenta uma assunção marxista básica, ou seja, a ideia antiempírica de que as sensações não são uma fonte válida de conhecimento por si mesmas. Entretanto, sua concepção sobre a tarefa científica como aquela de isolar, analisar, detalhar, abstrair traços de sensação para uma inserção desses traços dentro de uma totalidade mais ampla – como um sistema. Como ele afirma: “qualquer mente responde às características de um instrumento que seleciona, isola traços dos fenômenos” (1991a, p.314), em uma prévia de sua psicologia instrumental e das ideias das funções mentais complexas como *operações* mediadas, que selecionam a informação sensorial do corpo ou do ambiente e agem sobre ela.

Recusando uma redução do objeto da psicologia à consciência temporária ou literal transmissão/cópia ou do ambiente imediato, uma metáfora particularmente interessante apresenta a experiência imediata/consciência/mente como uma entidade contida entre dois umbrais (порогов – thresholds). Primeiro, os *sentidos*, que nos previnem de ver o que as formigas veem. Nossos cinco sentidos liberam “quadros” do mundo externo (e, presumivelmente, de nossos próprios corpos) – nós não temos a visão geral, o mundo é fragmentado em extratos. Segundo umbral, a seleção nessa diversidade de fragmentos –

Um olho que tudo visse, por essa mesma razão, nada veria. Uma consciência que estivesse consciente de tudo não teria consciência de nada, e um conhecimento de si que estivesse consciente de tudo, estaria consciente de nada. Nossa consciência [*opit* – experiência – G.T.] está confinada entre dois limiares, nós não vemos mais que uma pequena parte do mundo. Nossos sentidos nos proporcionam o mundo em excertos, extratos que são importantes para nós. E, de igual modo, entre os limiares não se registra toda a variedade de mudanças, e novos limiares existem. A consciência segue

a natureza em um modo saltatório, com vazios e intervalos. A mente seleciona os pontos estáveis na realidade em meio ao movimento universal. Ela provê ilhas de segurança no fluxo de Heráclito. É um órgão de seleção, um crivo para filtrar o mundo e modificá-lo de modo que se torne possível agir. Nisto reside seu papel positivo – não na reflexão (o não-mental também reflete; o termômetro é mais preciso que a sensação), mas no fato de que ela nem sempre reflete corretamente, i.e., subjetivamente se distorce a realidade com vantagem para o organismo (Vygotsky, 1987, Capítulo 8, trad. nossa).

Nesse extraordinário arrazoamento monista, pode-se ver a persistente preocupação do autor com uma compreensão da consciência incorporada no organismo, como previamente expresso em Vygotsky (1971;2003). Seria difícil realizar uma interpretação stalinista (marxista-leninista) desta citação em particular, uma vez que a consciência não aparece como mero reflexo da realidade.

Vygotsky segue, argumentando que a ação da consciência é seu papel positivo, para além de seu papel como reflexo (*otrajenie* – cópia, neste ponto do SHCP significando a exata reprodução de uma certa propriedade da matéria). Ele assume que o “termômetro é mais acurado que a sensação” (1991a, p.315). O conhecimento (como processo epistemológico realizado pelo sujeito do conhecimento) depende da ação do psiquismo (em sua essência ontológica), a natureza da consciência alocada entre as sensações e a consciência. Portanto, há uma plena analogia entre a seleção do olho e a do instrumento – enriquecida pelos comentários de Vygotsky acerca de espírito e matéria, subjetividade e objetividade, como análise daqui por diante.

Uma nova perspectiva sobre subjetividade e psique (ou Espírito)

A penúltima parte do SHCP está fortemente concentrada no dualismo, um dos mais analisados aspectos do livro (ver Rocha Lordelo & Tenório, 2010; Leontiev, 1991; Rocha Lordelo, 2011; Caparrós, 1991; Veresov, 1999; van der Veer & Valsiner, 2001; Hyman, 2012; Romand, 2010). Deve-se reconhecer: o dualismo permanecia sendo um significativo objeto de discussão na psicologia desde 1899, quando Willy publicou o primeiro estudo sobre a crise da ciência psicológica (ver Caparrós, 1991). Em minha leitura, os comentários de Vygotsky sobre o dualismo e a obra de Plekhanov (por meio de IU.V. Frankfurt) são particularmente importantes.

Vygotsky critica como Frankfurt tomou a *mente* como qualidade ou propriedade especial da matéria; *mente* como abstrata e paralela ao movimento no mundo físico (paralelismo este criticado em muitos pontos do texto). Daí por diante, ele atribui a Frankfurt (1926) uma leitura dualista em ontologia, bem como em metodologia. Apoiando-se em tal paralelismo, Frankfurt teria sustentado um método geométrico em psicologia, similar à psicologia descritiva de Dilthey. Entretanto, é justo afirmar: Vygotsky reconhece que Plekhanov (1969) tinha, dualisticamente, negado a influência da mente sobre o mundo físico.

A penúltima parte do SHCP é a conclusiva da interpretação vygotkiana acerca de uma psicologia materialista, sendo, em minha percepção, a mais importante para confirmar a afirmação de que ele desenvolveu um marxismo criativo (como sustentam Shuare, 1990; Joravsky, 1989; van der Veer & Valsiner, 2001). Parafraseando sua crítica a um psicólogo conhecido seu, um erudito que – algo fragmentariamente – definia-se como social-democrata, darwinista e copernicano (Vygotski, 1991a, p.404), é mister reconhecer que nosso homem não foi engelsiano, plekhanovista, leninista ou espinosista. A interpretação de Vygotsky sobre todas essas fontes aparece como *background* para o desenvolvimento de seu pensamento

marxista dentro da psicologia, sem sofrer de empréstimos dogmáticos ou ecléticos destes clássicos.

Um aspecto crucial é a análise dele sobre o tópico do dualismo, que começa da diferença entre duas fórmulas: *fenomenológica/idealista* por Husserl e materialista, por Feuerbach (com acréscimo das ideias de Lênin). É notável perceber que, embora Vygotsky imagine a salvação da psicologia de sua crise, dependendo de uma cisão consciente entre essas fórmulas, os leitores não têm valorizado esse arrazoamento em particular. Ele identifica duas formas similares de confusão em todo o campo da ciência psicológica:

1) Entre o problema ontológico e epistemológico (SHCP, p.380) uma vez que é costumeiro identificar subjetivo e psíquico, o que tem levado a reiteradas conclusões de que a própria mente não podia ser objetiva ou mesmo real. Vygotsky nega que qualquer coisa “irreal” estivesse apta a ser estudada cientificamente. A identificação entre mental e psíquico na esfera psicológica era um conceito husserliano equivocados;

2) Entre consciência gnoseológica (como um dos termos da oposição sujeito-objeto; uma posição gnoseológica: consciência como o sujeito que conhece) e empírica, consciência psicológica (por exemplo, minha consciência individual). Vygotsky critica perspectivas que adotaram a imaterialidade da consciência sob a assunção de que era “Machismo”, ou seja, uma ideia de Ernst Mach, um caráter odiado para os bolcheviques desde a crítica de Lênin (1982). *A consciência psicológica é de algum modo material e real*, o que ele explica mais adiante, na mesma penúltima parte, com a metáfora do espelho, que devo discutir mais adiante.

Para ser uma ciência, a psicologia tinha que tomar seu objeto entre processos realmente existentes na natureza. A possibilidade da psicologia como ciência empírica estava em xeque desde a ideia de Kant sobre uma “enorme diferença entre examinar fatores envolvidos em percepções e examinar as implicações do fato de que nossas percepções são caracterizadas pela espacialidade” (Danziger, 1994, p.20). Seguindo Kant, Wundt focou em sensações como elementos da *experiência imediata* elegíveis para uma psicologia experimental. Era possível estabelecer conexões objetivas de causa-e-efeito; tempo e espaço no estudo de sensações (Ferreira, 2006a). Interessado em fenômenos culturalmente mais complexos, tendo que avançar com relação a este ponto. Adicionalmente, entender a consciência como simples reflexo da realidade/matéria e não como uma parte da realidade – como é conspícuo em algumas seções de Lenin (1982) – não ajudava na construção de um objeto para a psicologia marxista.

Kant atirara a psicologia em uma permanente crise identitária, fazendo-a escorregar entre objetos e metodologias que buscavam “objetividade”. Vygotsky dispõe a fórmula de Feuerbach contra a de Husserl, ou seja, a fórmula gnoseológica do materialismo psicológico: “a diferença entre pensamento e realidade não se apagará da psicologia. Até dentro do pensamento pode-se distinguir entre pensamento e pensamento sobre o próprio pensamento” (L. Feuerbach, 1955, pág.216, in Vygotsky, 1991a, p.379).

Portanto, em minha perspectiva, Vygotsky situou a fórmula de Feuerbach junto do princípio realista clássico de Lênin para uma gnoseologia materialista; o conceito de matéria não significa nada mais do que aquilo que existe independentemente da consciência humana e é refletido por ela (1991a, p.382), o que implica na própria experiência imediata.

Expondo uma interpretação psicológica, pouco ortodoxa, de Lenin (1982), que põe de lado as seções do “Materialismo e Empiriocriticismo” nas quais matéria e realidade coincidiam, Vygotsky explica como a experiência imediata de alguém pode ser independente da consciência que conhece. Como Plekhanov explanara, a consciência (como experiência imediata) podia existir à parte da autoconsciência: posso ver sem perceber que vejo, dependendo do “fluxo heraclítico” que jorra através da minha experiência imediata. Um exemplo de tal fenômeno está no Capítulo V do romance de Dostoiévski, “O Duplo”: em

estado de completo autoesquecimento, Mr. Golyádkin deixa a casa de Olsufi Ivánovitch, esmagado pela humilhação. Indiferente à ventania, à noite fria, nevoenta de Novembro em São Petersburgo, “se nesse instante conservava a capacidade de correr era unicamente por algum milagre, milagre em que afinal ele se negava a acreditar” (Dostoevsky, 2011, p.63).

O naturalismo marxista de Vygotsky assemelha-se ao monismo espinosano, no qual realidade, natureza e substância são o mesmo. O persistente trabalho do autor para colocar os fenômenos psicológicos na natureza, e a psicologia em uma visão-de-mundo marxista está conectada à sua preocupação em aplicar o termo “ciências naturais” não apenas às disciplinas cujo foco estava em estudos da natureza orgânica e inorgânica, mas à toda a realidade. Ele declarou-se – talvez em uma vaga ressonância da afirmação de Hegel que “o real é racional, o racional é real” (Hegel, 2001, p. 18) – certo de que estender [a palavra – G.T.] ‘natural’ a tudo que existe na realidade é completamente racional” (1991a, p.387). Essa ideia seria uma resposta ao apaixonado chamado de Lênin para uma reinterpretação da dialética hegeliana no âmbito das ciências naturais e do materialismo?

Em tais termos, era possível estudar “objetivamente” a consciência sem fazer distinções ontológicas entre matéria e espírito. O raciocínio filosófico de Vygotsky, feito *a partir* da psicologia, desenvolve-se na afirmação de que tudo é real (uma ideia implicada em sua antiga “lei da realidade dos sentimentos”); portanto, natural. Neste ponto, é legítimo identificar uma verdadeira evolução de seu materialismo no SHCP. A consciência como fenômeno falso, “irreal”, tinha que ser explicada como um mal-entendido, uma não-coincidência, a relação entre dois processos reais; o subjetivo, como efeito de dois processos objetivos, cujo método de conhecimento permanecia, portanto, sendo indireto, subjetivo, embasando-se em um processo de reconstrução interna de relações perceptíveis apenas em parte.

O exemplo de Vygotsky sobre um objeto e seu reflexo é perfeito para entender seu raciocínio. Um objeto “A” (digamos, uma mesa) que é refletida em um espelho “X” tem uma imagem “Aa”. “A” é real, mas “Aa” não é real do modo como “A” o é; mas sim de modo diferente: “Aa” é irreal apenas como a mesa refletida no espelho é irreal. Apenas “A” e “X” são materiais porque existem apesar de “Aa”. A “segunda mesa” não existe realmente, mas a mesa, o espelho e a luz que nele bate para criar o reflexo. “Aa” não é “A”, nem mesmo a luz ou “X”, mas a imagem, que resulta da relação entre esses três elementos, tem uma existência – esta é a metáfora dele para a consciência como experiência imediata. Conectando uma ideia ontológica com uma epistemológica, Vygotsky afirma que esta é “a pedra angular da tese de que consciência e cérebro são produto e parte da natureza e refletem o resto dela” (1991a, p. 386).

Vygotsky brinca com este exemplo para ilustrar as ideias de Lênin, de acordo com as quais a consciência não existe independentemente, mas apenas como resultado de dois processos objetivos: radiação eletromagnética que vem dos objetos para nossos olhos (luz visível) e processos neurais no cérebro. Como escrito em seus textos histórico-culturais (ver Vygotski, 1995;1991b;1996a), e notei previamente (Toassa, 2006), em um sentido gnoseológico “Trata-se de uma relação de *compreensão* ou *conhecimento*, ativa com respeito ao meio social e não de *percepção*, e tampouco de *pensamento*, como se costuma entender em outras psicologias” (p.73). É um processo de atribuição de sentido permeado por meios culturais. Há um segundo sentido importante: consciência como um sistema psicológico em relação com o ambiente e o próprio indivíduo, um tipo de aparato que se desenvolve em sociedade e também a desenvolve, compondo-se de sistemas novos e antigos de funções psíquicas. Entretanto, este sentido não se mostra ainda plenamente delineado no SHCP.

As afirmações ontológicas e epistemológicas do SHCP mostram conclusões para um método analítico marxista de psicologia (Vygotsky, 1991a, p.361;378 ss). Uma análise psicológica marxista tinha de encontrar unidades de análise – como a *célula* para a microanatomia –, que mantivesse as propriedades da totalidade, bem como um verdadeiro entendimento sobre a correspondência matéria-espírito, como ele previamente considerara ser a reação estética dentro da “Psicologia da Arte”. Em um desenvolvimento de sua reflexão monista sobre a unidade Natureza-História, Vygotsky atribui à experimentação o papel de mudar a Natureza, levando a cabo as condições para uma observação própria: “o experimento de Pavlov é o melhor exemplo: para o cachorro, é um experimento *natural* – é alimentado, etc. – entretanto, é o auge da artificialidade” (id, p.376, trad. nossa).

Considerações finais

Estes dois artigos, por infortúnio, apresentaram apenas estudos iniciais em uma gama complexa de assuntos. Não poderia ser diferente: o próprio Vygotsky (1991a) notou o quão duro era ser materialista em psicologia. Portanto, a presente contribuição está longe de explorar as consequências políticas e teóricas de um materialismo vygotkiano como uma perspectiva específica não apenas na psicologia, mas no próprio marxismo, mais do que misturar as ideias do autor com qualquer autor que se afirme um “materialista dialético”.

O materialismo dialético não é apenas um método passivo a ser aplicado à psicologia, tanto quanto a outras ciências em desenvolvimento: este uso pode apenas resultar em um novo tipo de “ecletismo vermelho” que borra a contribuição específica de Vygotsky para com o pensamento marxista. Esta é uma forte razão pela qual defendo uma análise imanente de sua obra, como autor com insights profundos em uma psicologia materialista que partisse dos problemas teórico-metodológicos próprios da psicologia, na direção de um processo de construção do socialismo.

Resumindo, as respostas de Vygotsky à questão principal destes dois artigos (qual seria o significado da proposta dele para uma psicologia marxista em seus quatro sentidos básicos: ontológico, epistemológico, ético e político), estão contidas na combinação de duas assunções, de ordem:

1. Ontológica (consciência é real e natural como relação entre dois processos objetivos, baseados na interconexão matéria/energia; entre corpo e mente, tanto quanto o cérebro, os quais são partes e produto da Natureza);
2. Epistemológica/gnoseológica (matéria é o que existe independentemente da consciência e é refletida/reproduzida por ela, incluindo o próprio pensamento tanto quanto processos que ocorrem no corpo).

Ambas as afirmações, construídas no SHCP, tinham diversas fontes monistas/materialistas clássicas no pensamento de Vygotsky; a maioria delas, marxistas (com as exceções importantes de Feuerbach e Spinoza). Entretanto, o SHCP mostra diferenças entre algumas das ideias do seu autor e aquela dos clássicos, em mais de um aspecto. Vygotsky não insiste na primazia ontológica da matéria sobre a consciência, uma característica básica da ideologia soviética após a Grande Quebra – muito pelo contrário: ele tenta entender a consciência como produto de um mundo material e de acordo com desafios teóricos e práticos para a psicologia. Para além do que chegara a dissertar Lênin (1975), cuja preocupação fundamental era a relação entre a consciência política elaborada pela vanguarda proletária, Vygotsky abordou a consciência também como experiência imediata; relação, mudança, “fluxo heraclítico” mergulhado na natureza.

As relações entre Vygotsky e outros marxistas russos são muito complexas. Suas leituras da teoria do reflexo são ambivalentes, e não é possível ignorar a força de outras fontes filosóficas. Plekhanov e Deborin influenciaram o gosto de Vygotsky por autores pré-

marxistas, especialmente Espinosa. Se uma perspectiva filosófica pode assumir que Espinosa e Marx nem sempre caminham juntos em termos epistemológicos, ético-políticos e ontológicos (ver Toassa, 2009;2014), por outro lado, há o desafio de se realizar uma leitura contemporânea da psicologia vygotskiana, como teoria marxista, e suas implicações para os movimentos sociais mundo afora.

No SHCP, a metodologia de conhecimento da psicologia é indireta, como a das ciências naturais. Esta ideia expressa o *continuum* entre ciências humanas e naturais, peculiares ao marxismo oriental. A consciência psicológica, nos anos posteriores de vida do autor (Toassa, 2006), é compreendida como um sistema mutante que integra o mundo e nele opera, não sendo restrito ao mundo sob a pele dos indivíduos. Em um estilo marxista, o autor compreende-a com um sistema tanto prático quanto intelectual que nunca pode ser separado da vida em sociedade, vida em uma forma específica de “interconexão” de elementos. Essas afirmações, embebidas em um singular quadro materialista dialético que dialogava com problemas da filosofia da ciência soviética durante os anos 1920s (ver Joravsky, 1961), inequivocamente auxiliou Vygotsky a estruturar muitos aspectos de seus métodos (como método genético-experimental) e metodologia (como método de análise das unidades).

Efetivamente, como Elhammouni recolhe do SHCP – e também outros leitores marxistas de Vygotsky – o autor identificou a necessidade de a psicologia construir “seu próprio Capital”. Efetivamente, ele não cumpriu essa tarefa. Entretanto, o mesmo pode ser dito sobre todos os outros psicólogos que fizeram uso do materialismo dialético mencionado por Elhammouni (2002), como Sève and Politzer, incluindo o pupilo de Vygotsky, Leontiev. A teoria da atividade do último está baseada em outra relação com o materialismo dialético e em um contexto histórico bem diferente para a própria ciência soviética, razão pela qual parece-me escusado buscar neste último um desenvolvimento do materialismo dialético tal como o compreendia o bielorrusso.

Minha defesa da existência de um “materialismo vygotskiano” não distorce que, a despeito da sua luta persistente contra o dualismo, em benefício da psicologia como uma ciência “natural” verdadeira, ele mostrou hesitação quando face ao problema de seu objeto de estudo. Ora, o “Capital” de Marx teve como seu objeto a produção material. E como nós, interessados em impulsionar ainda mais a psicologia marxista poderemos avançar se não concordamos em uma definição tão elementar quanto a da identidade de seu objeto? É justo afirmar que este é um problema que está longe de ser solucionado, atravessando os quatro sentidos básicos do marxismo (ontológico, epistemológico, ético e político). A questão sobre qual, afinal, seria o objeto da psicologia para o autor também demanda uma pesquisa em textos vygotskianos após o SHCP para providenciar uma análise imanente das mudanças na construção de sua psicologia.

Agradecimentos

A autora agradece Thomas Teo e Mikhail Munipov pela leitura de versões anteriores destes artigos, além do Editor, Boris Meshcheryakov, pelas sugestões e aceite deste trabalho.

Financiamento

Esta pesquisa recebeu financiamento de estudos pós-doutorais da CAPES (Coordenação para o Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), Ministério da Ciência e Tecnologia, Brasil.

Referências:

1. Araujo, S. D. F. (2006). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In A. M., Jacó-Vilela, A. A. L.Ferreira, & F. T.Portugal, (Eds.). (2008). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, pp.93-104.

2. Caparrós, A. (1991). Crisis de la psicología: ¿singular o plural? Aproximación a algo más que un concepto historiográfico. *Anuario de psicología*, 51, 5-20.
3. Danziger, K. (1994). *Constructing the subject: Historical origins of psychological research*. Cambridge University Press.
4. Dostoiévski, F. (2011). *O duplo: poema petersburguense*. São Paulo: Editora 34. (Original published 1846).
5. Eisenstein, S. (2002). *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original published 1942)
6. Elhammoumi, M. (2002). To create psychology's own capital. *Journal for the theory of social behaviour*, 32(1), 89-104.
7. Ferreira, A. A. L. (2006a) O múltiplo surgimento da psicologia. In: A.A.L. Ferreira, A.M. Jacó-Vilella. (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2006. pp.13-46.
8. Frankfurt, I.U.V. (1926) G.V. Plekhanov o psikhofiziologúicheskoi problieme [Plekhanov on psychophysical problem]. *Pod znamenem marksizma*, 6(5), 37-60.
9. Goertzen, J. R. (2008). On the Possibility of Unification The Reality and Nature of the Crisis in Psychology. *Theory & Psychology*, 18(6), 829-852.
10. Hegel, G.W.F. (2001) *Philosophy of Right*. Kitchener, Canada: Batoche Books (Original published 1820).
11. Hunt, T. (2010). *Marx's general: the revolutionary life of Friedrich Engels*. Macmillan.
12. Hyman, L. (2012). Vygotsky's "Crisis": Argument, context, relevance. *Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 43(2), 473-482.
13. Joravsky, D. (1961). *Soviet Marxism and Natural Science: 1917-1932*. Routledge.
14. Joravsky, D. (1989). *Russian psychology: A critical history*. Cambridge, MA: Blackwell.
15. Kline, G. (1952) *Spinoza in Soviet Philosophy: A Series of Essays*. London: Routledge and Paul.
16. Kremontsov, N. (1997). *Stalinist science*. Princeton University Press.
17. Kremontsov, N. (2006) Big Revolution, Little Revolution: Science and Politics in Bolshevik Russia. *Social Research*, 73(4), 1173-1204.
18. Lenin, V.I. (1972) *On the Significance of Militant Materialism*. Retrieved January 05, 2009, from Marxists Internet Archive web site: <http://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/mar/12.htm>. (Original published 1922)
19. Lenin, V. I. (1975). What is to be done? Burning questions of our movement. *The Lenin Anthology* (pp.12-114). New York: Norton & Company. (Original published 1902)
20. Lenine, V.I. (1982) *Materialismo e empiriocriticismo: notas críticas sobre uma filosofia reaccionária*. Moscou/Lisboa: Progresso/Avante (Original published 1908).
21. Leontiev, A.N. (1991). Artículo de introducción sobre el labor creador de L.S. Vygotski. In L.S. Vygotski. *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.419-450). Madrid: Visor Distribuciones.
22. Lukács, G; Kofler, L.; Abendroth, W., & Holz. H.H. (1969) *Conversando com Lukács*. São Paulo: Civilização Brasileira.
23. Plekhanov, G. (1969) *Fundamental problems of marxism*. New York: International Publishers. (Original published 1908)
24. Raff, H., & Levitzky, M. G. (2012). *Fisiologia médica*. McGraw Hill Brasil.
25. Rocha Lordelo da, L. (2011). A crise na psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de LS Vigotski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 537-544.
26. Rocha Lordelo da, L., & Tenório, R. M. (2010). A consciência na obra de LS Vygotski: análise do conceito e implicações para a Psicologia ea Educação. *Psicologia Escolar*

e Educacional, 14(1), 79-86.

26. Romand, D. (2010). Vygotski lecteur critique de Stern. La question du transfert de la psychologie allemande en Russie dans le contexte épistémologique des années 1910-1930. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, (2), 103-126.

27. Shuare, M. (1990). *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscou: Progress.

28. Spinoza, B. (2002). Treatise on the Emendation of the Intellect. *The Complete Works* (pp.1-30). Hackett Publishing. (Original text from 1658)

29. Spinoza, B. de. (2008) *Ética* (2 ed.). São Paulo: Autêntica (Original published 1677).

30. Teo, T. (2006). *The critique of psychology: From Kant to postcolonial theory*. Springer.

31. Teo, T. (2009). Philosophical concerns in critical psychology. In D. Fox, & I. Prilleltensky (Eds.), *Critical psychology: An introduction (2nd ed.)* (pp.36-53). London: Sage.

32. Тоасса, G. (2006) Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17 (2), 59-83.

33. Тоасса, G. (2009) *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. 348 p. PhD dissertation, Universidade de São Paulo, São Paulo.

34. Тоасса, G. (2014). Creating a materialistic psychology – sources and influence of Spinoza in Vygotsky's Works. *International Journal of Liberal Arts and Social Science*, 2(5), 83-94.

35. Тоасса, G. (2015) Is there a Vygotskian Materialism? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part I). *Dubna Psychological Journal*, 1, 58-68.

36. Todes, D., & Kremontsov, N. (2010) Dialectical Materialism and Soviet Science in the 1920s and 1930s. In W. Leatherbarrow, & D. Offord (Eds.). *A History of Russian Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

37. van der Veer, R., & Valsiner, J. (2001) *Vygotsky: Uma Síntese*. São Paulo: Loyola/Unimarco.

38. Veresov, N. N. (1999). *Undiscovered Vygotsky*. Lang.

39. Vygotsky, L.S. (1971). *The psychology of art*. Retrieved from <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1925/index.html> (Original text 1925).

40. Vygotsky, L. S. (1982). Istoricheskij smysl psikhologicheskogo krizisa. Metodologicheskoe issledovanie [Historical meaning of the crisis in psychology. Methodological investigation]. In L. S. Vygotsky (Ed.), *Sobranie sochinenij* (Vol. 1, pp. 291-436). Moscow: Pedagogika. (Original work 1927)

41. Vygotsky, L.S. (1987) *The Historical Meaning of the Crisis in Psychology: A Methodological Investigation*. Retrieved from <https://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/crisis/>. (Original work 1927)

42. Vygotsky, L.S. (1991a) El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.259-407). Madrid: Visor. (Original work 1927)

43. Vygotsky, L.S. (1991b) Sobre los sistemas psicológicos. In: *Obras escogidas* (Vol. 1, pp.71-93). Madrid: Visor Distribuciones (Original published 1930).

44. Vygotsky, L.S. (1994) The socialist alteration of man. Retrieved from <https://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1930/socialism.htm>. (Original published 1930)

45. Vygotsky, L.S. (1995) Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas* (Vol.3, pp.11-340). Madrid: Visor Distribuciones (Original text 1931).

-
46. Vygotsky, L.S. (1999) The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.71-235). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers. (Original text 1933)
47. Vygotsky, L.S. (2001) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes (Original published 1934).
48. Yasnitsky, A. (2009) *Vygotsky Circle during the decade of 1931-1941: Toward an integrative science of mind, brain, and education*. PhD thesis, University of Toronto, Toronto.
49. Zavershneva, E. I. (2012). Investigating LS Vygotsky's Manuscript "The Historical Meaning of the Crisis in Psychology". *Journal of Russian and East European Psychology*, 50(4), 42-63.

Recebido: 14.12.2015